

V!RUS

Sistema.System | Revista do Nomads.usp - Nomads.usp journal - issn 2175-974x | sem 01-10

Tempo de Pedra

Júlia Saldanha Aguiar, Douglas Aguiar, André de Oliveira

Julia Saldanha Aguiar é Jornalista. Participa do Grupo de Estudos da Espacialidade Contemporânea, do PROPAR-UFRGS, e faz parte do Coletivo Catarse.

Douglas Aguiar é Arquiteto, Doutor em Arquitetura, coordena o Grupo de Estudos da Espacialidade Contemporânea, do PROPAR-UFRGS, da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

André de Oliveira é fotógrafo e membro do Coletivo Catarse.

COMO CITAR ESSE TEXTO: AGUIAR, J.S.; AGUIAR, D.; DE OLIVEIRA, A., **Tempo de Pedra**. In VIRUS. N. 3. São Carlos: Nomads.usp, 2010. Disponível em:
<http://www.nomads.usp.br/virus/virus03/submitted/layout.php?item=5&lang=pt>.

Acessado em: DD/MM/AAAA



O documentário focaliza, de modo entremeado, a forma espacial e a mecânica social do camelódromo da praça XV, em Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, Brasil, e seu *modus operandi*. Depara-se com a metamorfose diária sofrida pela própria praça XV, que se transforma, ao longo do dia, tomada por esse organismo vivo, o camelódromo, que vai crescendo, ocupando espaços e reagindo ao vento, ao sol ou à chuva. O filme mostra uma estrutura espacial de grande porte, coletivamente criada, que se adapta continuamente às condições climáticas. Se, por um lado, a mecânica espacial do camelódromo se comporta admiravelmente, por outro, a mecânica sócio-econômica e cultural não fica atrás. A atmosfera é efervescente.

O filme explora, de modo articulado, duas situações: a primeira é o camelódromo visto de cima, em planta, como algo observado ao microscópio, visto desde os edifícios que o circundam, se modificando ao longo do dia, sob as diferentes condições climáticas. A associação entre o estético e o pragmático dessa transformação fica evidenciada. A segunda situação é o camelódromo visto do chão, através do ângulo do observador em movimento. Aí entram as pessoas, os percursos, o passeio arquitetônico. Descrições em planta auxiliam o entendimento das seqüências fotográficas. E, novamente, agora desde o seu interior, o camelódromo aparece modificando-se ao longo do dia, sob as diferentes condições climáticas.

Ao longo do filme, a noção construtivista do condensador social emerge naturalmente na tela. A premissa subjacente de que a arquitetura e, em especial, o meio urbano, têm um potencial natural de criar comportamentos sociais e, em paralelo, a premissa de que o desenho do espaço público tem o potencial de dissolver hierarquias sociais ao viabilizar situações espaciais socialmente compartilhadas.

Outra preocupação do documentário se refere à dinâmica dos sistemas auto-produtos. A dimensão de auto-organização mostrada conduz naturalmente a uma analogia com o comportamento dos organismos vivos e com o conceito de autopoiesis ao evidenciar uma dialética fundamental entre estrutura e função. O filme mostra, ainda, o papel do efêmero

na cultura contemporânea e na proposição de uma arquitetura e de um urbanismo essencialmente comprometidos com um ideal de mobilidade e tecnologia leve. Nesse sentido, o documentário recupera, na linguagem simples dos materiais da informalidade tupiniquim, as idéias do Archigram: uma estrutura espacial gigantesca, leve, constituída por sistemas modulares imprecisos, criados necessariamente a partir de um ideal de mobilidade, e que fazem parte do repertório popular desenvolvido na cultura da informalidade. O filme tem, ainda, a pretensão de recuperar o papel do urbano como arte ambiental, na linha sugerida por Hélio Oiticica, onde a espacialidade gerada através do camelódromo propõe uma visualização contemporânea dos Penetráveis e dos Parangólés.

O filme se estrutura através dos seguintes cenários:

- a. São seis da manhã; praça XV, centro de Porto Alegre. As pessoas já se movimentam. Em meio aos pedestres ainda esparsos acontece uma movimentação maior no lado norte da praça, onde o leito da rua Marechal Floriano se alarga até encontrar a praça Parobé. Nesse trecho, dezenas de carrinhos, reboques, mini-containers, todos envoltos em lonas de cor alaranjada, começam a ser descarregados, desmanchados e transformados em estandes, prateleiras e muito mais. A distribuição aparentemente casual demonstra, após um olhar mais apurado e de preferência aéreo, uma ambição de ordem: alinhamentos e passagens vão surgindo aos poucos. Dos carrinhos vão como que brotando guarda-sóis amarelos e então, muito rapidamente, o cenário começa a sofrer total transformação.
- b. Agora são quatorze horas; o sol brilha, calor. O largo, agora, é coberto na sua totalidade por guarda-sóis, como um tecido, no entanto com relevo, como uma superfície contínua de domos amarelos. Estes se acomodam ocupando todos os interstícios possíveis de serem ocupados. Nesse arranjo, passagens são cuidadosamente preservadas emergindo aí uma sutil rede de caminhos.
- c. Agora já são dezessete horas e o fim da tarde anuncia chuva; as lonas alaranjadas, aquelas que pela manhã cobriam os carrinhos, voltam a protagonizar o espetáculo. Rapidamente, essas lonas vão sendo esticadas sobre os guarda-sóis e engenhosamente sustentadas em hastes metálicas ancoradas em aros de rodas de automóvel, que atuam como sapatas. Em poucos minutos, uma rede de centenas de cordões tensores atados a postes, árvores e marquises, armam dezenas e dezenas de lonas alaranjadas sobre a área coberta pelos guarda-sóis. A chuva chega. A superfície descontínua de lona dirige espertamente o destino das águas. Embaixo, o camelódromo funciona animadamente.

O camelódromo da praça XV já não existe e os camelôs, não mais camelôs, foram relocalizados em uma edificação especialmente construída pela Prefeitura, o Shopping Popular de Compras!